

À Biblioteca Pública de  
Braga

# TRABALHO LIVRE

10  
FEVEREIRO  
1962

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - AMARES

## Os grandes amigos da morte

A morte tem alguns amigos muitos íntimos, de resto notoriamente conhecidos, mas, os que ela mais estima dão sobretudo a Carência e o Abuso, porque são, na verdade, os que mais trabalho extraordinário dão aos coveiros de todos os cemitérios do mundo.

A Carência é a grande aliada da Fome que, com a foice das mais espantosas doenças, ceifa prematuramente a vida de legiões de homens, mulheres e crianças. O remédio para esse grande mal não seria no entanto difícil de encontrar, se o Homem fosse mais amigo de si próprio, vendo no seu semelhante o seu irmão, ou, pelo menos, o seu companheiro de viagem neste grande globo sideral que é o nosso planeta.

Quanto à nefasta acção do abuso, tem de se considerar que é muito mais vasta e de mais difícil cura.

Fácilmente se contenta um esfomeado, garantindo-lhe o trabalho que lhe permita adquirir com dignidade e eficiência o pão nosso de cada dia.

Mas, como fazer compreender ao gastrónomo impeni-

ente, cuja maior desgraça é, talvez, a de ter muito dinheiro, que deve ser sóbrio na sua alimentação, e as grandes jantaras apressam a marcha acelerada para a sepultura?

Como fazer compreender ao alcoólico que o excesso de bebidas está a cavar a sua própria ruína física?

Mas não são só as jantaras, a fome e o alcool que atentam contra o grande bem da saúde. Qualquer abuso é pernicioso, o abuso da fome ou o abuso da fartura! Qualquer forma de prazer é susceptível de se transformar em inimigo do Homem, desde que se caia no abismo incontrolável do Abuso!

A sabedoria consiste em fugir tanto da carência como do excesso. No meio termo duma vida frugal, com os pequenos e rápidos prazeres que ela pode comportar, de resto sempre renováveis, está — a certeza de uma existência tão pouco monótona quanto possível, agradável, risonha, desejada, calma, aberta e franca. E desse modo não seremos, para nosso bem e ventura, amigos dos grandes amigos da morte.

## O seu trabalho consistia em desarmar

### Espoletas de Bombas

Há em Hamburgo um homem conhecido de todos os seus conterrâneos que o admiram e que lhe devem muito. O seu nome aparecia frequentemente nos jornais alemães. Walter Merz desarmou até hoje com as suas próprias mãos as espoletas de 4.800 bombas, o que significa que arriscou a sua vida 4.800 vezes para salvar a vida a outros. Modesto e simpático, Walter Merz manteve-se sempre em segundo plano. Mas estes dias, depois

de ter completado 55 anos, o Burgomestre da cidade de dois milhões chamou-o à sede do Governo para uma homenagem por ocasião da sua reforma.

Walter Merz não escolheu a sua perigosa profissão. Era engenheiro-construtor de máquinas. Na última guerra especializou-se na técnica de armas e foi finalmente nomeado chefe de um comando de remoção de bombas. Era indispensável eliminar as bombas

que não tinham deflagrado. Merz e os seus ajudantes juraram mais de uma vez: «Quando esta maldita guerra acabar, nunca mais tocamos numa peça de munição! A vida preparou-lhe, porém, outro destino. Em Maio de 1945, nos primeiros dias depois da guerra, nada menos de quarenta crianças foram vitimadas ao brincarem com munição. A polícia recebia constantemente novas informações sobre esconderijos de armas. Merz e os seus colaboradores apresentaram-se como voluntários para a remoção de munição. Conduziram camiões cheios de bombas não-deflagradas e armas para fora da cidade, onde as destruíram. Trabalharam 16 horas por dia mas no 20 de Dezembro de 1945, quando Merz estava decidido a procurar, a todo o transe qualquer outro trabalho, teve de resignar, tantos eram os casos que exigiam a sua intervenção. Soube-se, por exemplo, que incautos tinham construído uma rampa de descarga provisória com granadas. No porto descobriram-se toneladas de

## A INDIA PORTUGUESA

por Porfirio de Sousa

Continuação do número anterior

O Rei de Cochim, logo que teve conhecimento do incêndio, e julgando que o fogo fosse ateado por algum dos seus súditos e que toda aquela riqueza se tivesse perdido, ficou muito apreensivo e mandou dizer a D. Francisco de Almeida que não se preocupasse com os prejuízos sofridos porque lhe ofereceria todas as madeiras precisas para construir uma igreja maior e melhor.

O Vice-Rei, continuando a pôr em prática o seu plano, mandou lançar fogo às habitações que, como a igreja, se reduziram a um montão de escombros.

O Rei, ao ter conhecimento do segundo incêndio, apressou-se a mandar consular D.

Francisco de Almeida e este, em resposta, declarou ao enisário régio que as perdas não eram de grande monta, mas o que deveras o afligia era que o fogo continuasse e fosse ter com ele.

O Vice-Rei, que havia chegado ao momento psico-

(Continua na 5.ª página)

(Continua na 4.ª página)

## Notícias para Angola

A consciência de milhões de Brasileiros está revoltada contra a atitude oficial do governo do seu país com a atitude tomada na ONU pelo seu representante sr. Arinos. O Jornal do Rio de Janeiro «A Noite» num extenso artigo diz: o povo Brasileiro não está de acordo com o que se passa nas Nações Unidas sobre Angola e que o seu representante está a cumprir ordens do governo e não da vontade do povo que ama, estima e respeita Portugal e entende que Angola está a ser assaltada por um conluio Internacional de comunistas que se querem apoderar das suas riquezas e possuir ali um baluarte extensivo à expansão do mesmo barbarismo que se vê no Congo ex-Belga. É uma grande

verdade que o governo não desconhece mas que conluios secretos e compromissos tomados colocaremos Brasil numa situação moral vergonhosa depois de tantos anos governado com honra e dignidade por tantos governos que precederam a figura irritada do sr. Janio Quadros e agora do seu sucessor provisório sr. João Goulart. O resultado das eleições livres que dão ao povo a liberdade da escolha é preciso saber que povo é, que cultura tem e acima de tudo se o homem a eleger já deu provas à Nação de ter capacidades para o equilíbrio no trapézio Mundial. Lá como na América a propaganda eleitoral resulta do do próprio candidato andar de terra em terra como os feirantes de feira em feira a vender o melhor remédio do Mundo para determinada doença... E depois... é uma sorte. O que aconteceu com o sr. Kennedy? Outra aventura que não honra nada a grande e poderosa Nação americana. Fe-

(Continua na 5.ª página)

## Novos Músicos

As Nações Unidas conseguiram 2 elementos para a sua Orquestra Sinfónica para tocar no enterro da organização e para sufragar as almas de milhares de vítimas do seu

desprezo pelo Direito e pela Justiça. Não vale a pena fazer comentários à expressão do delegado da Austrália mas deve dizer-se que ele, depois de qualquer borracheira e sono, declarou: «O que está a acontecer no Congo e em Luanda, deve-se ao facto das autodeterminações terem sido dadas tão tardiamente... «Na opinião do bicho da Oceania, agora solto no Jardim Zoológico da O.N.U. a autodeterminação não impõe direitos e obrigações a quem a concede. É só tocar o clarim e telefonar para Moscovo a dizer ao Urso Palar que mande acongueiros para matar a fome com carne humana que

(Continua na 5.ª página)

## «A Economia dos Descobrimentos Henriquinos»

por Vitorino Magalhães Godinho

O Professor Doutor Vitorino Magalhães Godinho, ilustre investigador histórico, autor de uma vasta obra que lhe granjeou muito justamente fama e renome aquém e além fronteiras, acaba de publicar o volume «A Economia dos Descobrimentos Henriquinos», em que, na esteira de conceituados mestres nacionais (António Sérgio, Duarte Leite,

Jaime Cortesão e Veiga Simões) e de excelentes mentores estrangeiros (Lucien Febvre, Fernand Braudel, Marcel Bataillon, C.E. Labrousse, G. Gurvitch), estuda e analisa as principais causas económicas que impulsionaram os descobrimentos henriquinos.

Depois de um incisivo pre-

Continua na 4.ª página

Contribua para o cortejo de oferendas que há-de ajudar a erguer o nosso HOSPITAL

Dê à Misericórdia para que ela o possa socorrer, se precisar

# TRIBUNA AGRICOLA

## O COMÉRCIO DA BATATA

Ao abrigo do n.º 9 da Portaria n.º 16915 de 11-11-58 que regula o comércio de batata, foi oportunamente determinada a constituição de uma reserva, correspondente a um mês de consumo, pelos responsáveis.

Calculadas as reservas a manter por cada um dos armazenistas pelos Grémios dos Importadores e Armazenistas de Batata do Norte e Sul, foi fixado o prazo para a sua constituição.

Esgotado esse período começaram já os Serviços de Fiscalização da Intendência Geral dos Abastecimentos e da Junta Nacional das Frutas a verificar o cumprimento daquela determinação sem embargo de se saber já que, de um modo geral, o quantitativo global previsto será atingido.

Têm entretanto sido trazidas a público ou postas a circular notícias, críticas ou sugestões que carecem de esclarecimento.

Assim, têm-se apontado, por um lado, o pesado encargo a que a reserva obriga, particularmente pela exigência de um armazém adequado; o risco de apodrecimento—com os consequentes prejuízos dado o deficiente estado de conservação de boa parte da colheita—e a falta de garantia de um preço de escoamento; e, por outro lado, tem-se criticado que não tenha sido imposta a obrigação de adquirir a batata a dado preço, em certas regiões e por intermédio dos Grémios da Lavoura.

Aquilo que distingue o armazenista e justifica a sua existência é, obviamente, a circunstância do armazenista adquirir grandes quantidades, que guarda nos seus armazéns, para assegurar um regular e oportuno abastecimento do retalho.

É precisamente por estas razões que o n.º 6.º da referida Portaria, que regula o comércio de batata, condiciona o exercício da actividade de armazenista à existência de um armazém adequado e prevê a obrigatoriedade de cada um manter uma reserva de batata.

Nestas condições, não pode ter legitimidade a argumentação baseada na falta de armazém apropriado, já que a sua existência é condição para o exercício da actividade, neste como noutros sectores.

Não tem mais consistência a invocação do encargo consequente da manutenção da reserva, nem dos prejuízos resultantes do seu fraco poder de conservação.

Efectivamente, a existência de certa quantidade em armazém é, como se disse, a característica que diferencia o armazenista do retalhista e justifica o ónus que paga a sua

intervenção no circuito económico.

Sendo toda a batata adquirida livremente pelos armazenistas, quanto a qualidade, local e preço, tanto a destinada à reserva como a comprada para qualquer outra oportunidade, não parece necessária qualquer garantia, especialmente quando, como neste caso sucede, por manifesto excesso de oferta, têm os armazenistas total liberdade de escolha.

De resto, a obrigação de manter uma reserva—em função do movimento de cada um—não impõe a nenhum armazenista conservar qualquer lote de batata por longo período, uma vez que é exigida apenas a manutenção em armazém de uma quantidade global e não desta ou daquela partida de batata—por isso as podem substituir ou renovar conforme entenderem mais conveniente.

A reserva não é, assim, mais do que uma existência mínima, um volante de maneo, indispensável ao exercício da actividade, porventura de quantitativo maior que o habitual.

Cada armazenista que o seja efectivamente, continua pois a movimentar as suas existências como habitualmente, sujeito apenas a não poder, em cada momento, ter quantidade inferior à reserva que lhe compete manter.

Estas mesmas considerações explicam que não tenha lugar o estabelecimento de qualquer preço de garantia para escoamento das existências, cujo preço varia constantemente com as compras e vendas que constituem a actividade normal do armazenista.

A simples circunstância de a batata se encontrar em regime de liberdade de compra, circulação e preço, apenas com

um máximo de venda ao público, mostra quão injustificada é tal pretensão.

Também as críticas que incidem sobre a liberdade de preço, local e compra da batata, feita precisamente à luz de filosofia oposta, não tem maior razão de ser, tanto mais que o esforço agora exigido ao comércio armazenista visa a resolver, como lhe compete, as dificuldades da produção.

Com efeito, só em regime de completo condicionamento seria admissível aquela orientação pois não se compreenderia a imposição de comprar em dado local, a determinado preço e em certas condições, sem garantir a colocação do produto em condições correspondentes.

Assim, enquanto vigorar o regime instituído pela Portaria que regula o comércio de batata desde há três anos, após o período de condicionamento de preço e de circulação que vigorou em anos anteriores, não é admissível outra orientação.

Poderá discutir-se se a comercialização condicionada da batata, como processo de defender alguns sectores da lavoura, teria justificação em face das diferenças que porventura se verificam presentemente entre os preços de venda ao público e aqueles porque a batata está efectivamente a ser comprada ao produtor em algumas regiões.

Para isso é, porém, indispensável a colaboração da lavoura na concretização das particularidades que em cada região serão legitimamente de considerar e no estudo do sistema que melhor permita harmonizar as diferentes posições. Mas, entretanto, vigorando um regime de liberdade comercial, não é legítimo, procedimento diverso do adoptado.

## Os tratamentos em fruticultura

### Citrinos

Nos fins de Dezembro ou em Janeiro deve efectuar-se um novo tratamento com produtos cúpricos para impedir o ataque de mildio ou de agudo. Como dissemos, estes tratamentos devem ser feitos com abundantes quantidades de calda e dirigir-se não só à copa como também ao tronco.

### Pomóideas

Logo que as macieiras, pereiras, etc. estejam praticamente despidas de folhas, tendo portanto entrado em estado de repouso vegetativo, é a altura de se proceder aos tratamentos de Inverno, caso o estado sanitário de pomar o justifique.

Estes tratamentos de Inverno, em repouso absoluto, consistem na aplicação de produtos químicos apropriados por meio de pulverizações abundantes e destinam-se a combater ovos de insectos (piolhos, psylas, lagartas), ácaros e ovos de ácaros, pulgão lanígero, hiponomeuta ou teia, cochonilhas, musgos, líquenes, algas e alguns fungos, ou sejam alguns dos parasitas que se refugiam ou crescem na casca das árvores, axilas dos gomos etc.. No nosso país utilizam-se para o efeito óleos lubrificantes (dos tipos «Verão ou Inverno») e dinitro-orto-cresóis (D.N.O.C.), estes isoladamente ou em mistura com óleos. São menos utilizados os óleos antracénicos e a calda sulfocálcica. Os óleos devem ser perferidos sempre que haja fortes ataques de cochonilhas e de ovos de ácaros, actuando os D.N.O.C. principalmente sobre os ovos de afídeos, hiponomeutas etc..

Os tratamentos de Inverno devem ser precedidos, com uma certa antecedência, das necessárias podas não só para suprimir ramos doentes, frutos mumificados, cancro etc. mas também para tornar mais fácil a própria aplicação. A técnica de pulverização das caldas de Inverno exige jactos estreitos e penetrantes (em pincel estreito e alta pressão) e uma aplicação cuidadosa de forma a não deixar zonas não molhadas. Estas aplicações nunca devem ser feitas sobre árvores molhadas pela chuva nem em períodos de geadas, convindo ainda lembrar que os óleos lubrificantes de Inverno e os DNOC são muito cáusticos para as plantas verdes não podendo pois ser aplicados em pomares onde haja forragens, hortaliças etc.. A toxicidade dos DNOC para pessoas e animais é bastante elevada pelo que devem ser tomadas as habituais precauções.

Como vimos, os tratamentos de Inverno não permitem se não combater algumas das pragas ou parasitas que se encontram estabelecidas sobre a árvore e que iniciarão o seu ataque na Primavera. A partir dessa data as infecções são geralmente provenientes de outras origens e os novos ataques terão de ser combatidos com técnicas fitossanitárias de Primavera ou de Verão. Por este e outros motivos só se justificam tratamentos de Inverno em pomares cuidados racionalmente ao longo de todo o ano e deve competir a um agrónomo especializado a decisão sobre a sua oportunidade, após análise do tipo de infestação invernal.

### Prunóideas

Os tratamentos de Inverno em repouso absoluto podem ser efectuados sobre pessegueiros, damasqueiros, ameixeiras etc. levando em conta o que se disse a propósito de tratamentos idênticos para as pomóideas e que as doses devem ser mais baixas do que naquele caso.

### Nesperiças

Deve continuar-se a prestar toda a atenção aos tratamentos preventivos contra o pedregal recorrendo aos produtos indicados neste calendário para os meses de Outubro-Novembro.

### Outras culturas

A incidência de ataques de insectos ou fungos noutras culturas frutícolas é bastante reduzida para a generalidade das culturas frutícolas, durante estes dois meses.

### Condições de Assinatura

#### Continente

Ano . . . . .	50\$00
Semestre . . . . .	25\$00

#### Ilhas

Avião—ano . . . . .	150\$00
Semestre . . . . .	75\$00
Barco—ano . . . . .	80\$00
Semestre . . . . .	30\$00

#### Brasil

Avião—ano . . . . .	150\$00
Semestre . . . . .	75\$00
Barco—ano . . . . .	80\$00
Semestre . . . . .	30\$00

#### Estrangeiro

Avião—ano . . . . .	180\$00
Semestre . . . . .	90\$00
Barco—ano . . . . .	80\$00
Semestre . . . . .	40\$00

Visado pela censura

Deseja trabalhos tipográficos com rapidez e perfeição?

**DIRIJA-SE À  
MODELAR**

Telefone 62113

Amares

**VENDE-SE**

**Máquina Singer**

**INDUSTRIAL — BOBINA CENTRAL**

**ÓPTIMO ESTADO**

Informa: José Manuel Martins

JUNTO À IGREJA DA FEIRA NOVA

# TRIBUNA do CONCELHO

## CANTICO DA MANHÃ

O sol já se levanta  
Além, detrás do monte  
Sem nuvens no horizonte,  
E a avezinha canta!

São hinos de louvor  
Ao Criador do dia,  
Da paz e d'alegria,  
A Deus, Nosso Senhor!

Como cintila o lume  
Da manhã radiosa,  
A quem sorri a rosa  
Ao dar-lhe o seu perfume!

Sussurros tão suaves  
Palpitam na verdura,  
Das fontes na frescura,  
Nos cânticos das aves!

E sempre prazenteiro  
Lá vai subindo o sol!  
Calou-se o rouxinol  
Das margens do ribeiro.

Até quando, porém,  
Tão deliciosa paz?  
Se tudo se desfaz  
Por esse mundo além!...

Meu Deus como é possível  
Tanta loucura, tanta,  
Se tudo nos encanta  
Nesta aldeia aprazível?!!

Oh! manhã de magia  
Cheia de luz do sol!  
Monumental farol  
Que as almas alumia,

E Deus fez acender  
P'ra cada criatura,  
Que nunca, com ternura,  
Lhe sabe agradecer!...

Ajoelha, alma cristã,  
E louva a Providência  
Pela magnificência  
Da luz desta manhã!

UERBA

## CARTA DE LAGO

\*\*\*\* Meus caros amigos presentes e ausentes \*\*\*\*

Mais uma vez peço desculpa, a todos vós, das gralhas e emissões de sílabas tão frequentes nas cartas de Lago.

### Falecimento

Faleceu no lugar de Caboucos, a menina Carolina da Costa Veloso, de seis meses, filha dos senhores Constantino Rodrigues Veloso e Carminda Peixoto da Costa. Foi sepultada no cemitério de Lago, a 4 de Fevereiro corrente.

### Festa do S. Brás

Alguns cavalheiros de Lago e Rendufe andam de beicão caída por a festa do São Brás não ter foguetes nem bandas de música. Contudo a missa foi cantada pelo gru-

## Vida elegante

### Aniversários

Fazem anos:

Dia 8 — Fernanda Celina Gonçalves Macedo, D. Isilda da Costa e Felisberto Barbosa de Macedo.

Ontem — Joaquim Barbosa de Macedo.

Hoje — Rosa Brandão Pinheiro e Ester Brandão Pinheiro.

Dia 12 — Alberto Gonçalves Pereira.

Dia 13 — Mavilde do Céu Arantes Menezes.

Dia 15 — A menina Maria Caetano Azevedo Sá Coutinho Russell, Januário da Silva Barros e a menina do Sameiro Dias da Silva.

nas caixeiros viajantes dos poderosos patrões e que também venderam o peixe apenas lhes dizemos que tem a gratidão eterna de Portugal.

E com este jardim Zoológico a juntar a outras espécies da fauna Angolana o Turismo será outra riqueza para a bela e envejada Província Portuguesa, agora a ter ofertas de grandes capitais estrangeiros para pôr mais doentes os sócios internacionais que por ela se apaixonaram.

A Rainha de Inglaterra não devia ser esquecida numa estátua mais alta a ler em português os versos de Camões.

Contudo perante a antiga mesa consta porque poder maior se alevanta.

Elísio Gonçalves

po coral da Banda de Amares, e assistiu muita gente. O sermão, feito pelo Rev. do Dr. Alvaro Dias agradou. Achei muito interessante a procissão silenciosa, em marcha bastante acelerada. Têm-se feito nos últimos meses várias procissões, ou cortejos, em silêncio.

Infelizmente nem todos compreendem o significado destes cortejos silenciosos e alguns maus cristãos tomam daí ocasião para caluniar os organizadores desses cortejos.

Durante o sermão de São Brás alguém, dos lados de Carcavelos, Rendufe, lembrou-se de tirar a fava a um porco.

O bicho gritou como um possesso, durante muito tempo, e perturbou a audição e a atenção da prédica do milagroso São Brás. Por mim avaliei a má impressão causada à assistência por fazerem um serviço destes ao domingo e, precisamente, na hora dos actos religiosos da festa de S. Brás.

### Os emigrantes

Estiveram, e ainda estão, por cá bastantes dos trabalhadores emigrados para França. Alguns mostraram os sentimentos profundamente religiosos que levaram e conservam.

Outros, a maioria, julgam que, por estarem fora da ter-

ra, estão já dispensados do cumprimento dos deveres religiosos e por isso trabalham ao domingo, não vão à missa metem-se... não digo mais!!

E o pior é que vêm contar as misérias que por lá vivem como se a França só fôsse a podridão vista, vivida e apregoadada por eles. Por agora limito-me a dizer-vos que a França tem muito de mau.

Mas também tem muito de bom.

Ainda lembro a saudável impressão de ver em Fátima peregrinações de homens e mulheres franceses. Que piedade, modéstia e recolhimento aqueles trabalhadores mostravam!

De resto a França tem, proporcionalmente, mais padres do que Portugal. O governo francês contribui pecuniariamente para a sustentação das escolas e colégios católicos. Vejam se em Portugal há disto.

E vem alguns parceiros com uns dias de pá e picareta dizer aos ignorantes, de boca aberta:—Na França ninguém vai à missa!! Aqui é que os padres fazem o querer...

Quando soar a hora da liberdade!...—Que liberdade? Mas esses e outros epicuristas que por cá andam saberão o que é liberdade? Não! Não sabem!

Saudações do vosso:

J. Moreira.

## Progresso Ultramarino

O Correio do Minho do dia 2 do corrente, respingava uma notícia de Angola, nestes alviçareiros termos aplicados pelo seu correspondente em Luanda:

1.º

1.000 famílias de lavradores metropolitanos vão embarcar para Angola por conta do governo aonde se fixarão com todas as condições necessárias á sua felicidade e da Pátria. Logo que se concluíam mais instalações outras seguirão para igual missão.

2.º

Nas últimas prospecções petrolíferas foi encontrado um poço petrolífero que deve ser o maior ou de mais rendimento do Mundo.

3.º

Um contingente militar vai ser rendido e pode regressar á Metrópole ou fixar-se lá

aonde serão colocados os seus elementos.

4.º

Vê-se a riqueza e progresso de Angola que era o que os «amigos» pretendiam. E agora para a riqueza ser completa no ponto de vista turístico eu vou sugerir ao Governo que em Luanda e em bom sítio sejam erigidas estátuas de mármore aos maiores amigos de Portugal e da liberdade do Mundo que são os senhores Kruchef, Nehru, Kenedey, Mac-Miliam, Janio Quadros e João Goulart. Estes 2 últimos, à parte, para se juntarem ao sr. Delgado e Galvão que tanto se sacrificaram para que a amizade e contratos Luso-Brasileiros fossem respeitados e a quem devemos o auxílio agora em Goa.

Há outras figuras secundárias que os representavam na ONU mas como eram ape-



FUNDADA EM 1835

COMPANHIA DE  
SEGUROS 'DOURO',  
SEGUROS EM  
TODOS OS RAMOS

Há mais dum século, na "DOURO" está a segurança

AGENTE EM AMARES:

João Gualberto da Silva

Largo D. Gualdim Pais

AMARES

### AVISO

O Subdelegado de Saúde deste concelho, informa que a vacinação antivariólica se pratica todas as terças e quintas feiras, das 14 às 16 horas.

### CASA

### ALUGA-SE

OS FUNDOS DA CASA DO POVO-FEIRA NOVA

Podendo servir para qualquer negócio ou indústria

= RENDA BARATA =

## «A Economia dos Descobrimentos Henriquinos»

O Professor Doutor Vitorino Magalhães Godinho, ilustre investigador histórico, autor de uma vasta obra que lhe granjeou muito justamente fama e renome aquém e além fronteiras, acaba de publicar o volume «A Economia dos Descobrimentos Henriquinos», em que, na esteira de conceituados mestres nacionais (António Sérgio, Duarte Leite, Jaime Cortesão e Veiga Simões) e de eminentes mentores estrangeiros (Lucien Febvre, Fernand Braudel, Marcel Bataillon, C.E. Labrousse, G. Gurvitch), estuda e analisa as principais causas económicas que impulsionaram os descobrimentos henriquinos.

Depois de um incisivo prefácio, em que se rendem as mais profundas homenagens a três mestres desaparecidos (J. Cortesão, D. Leite, V. Simões), esclarece-nos o Doutor Magalhães Godinho, numa lúcida introdução, o seu pensamento sobre a noção de história tradicional e os novos rumos a que a pesquisa, sagaz e conscienciosa, conduz.

Escalpeliza as causas do primórdio da expansão mediterrânea para o oceano e sua conseqüente frustração (1290-1348), para entrar na análise das raízes hispano-portuguesas que propiciaram uma ousada actividade para a irradiação improvisada e ambiciosa. Aponta as proposições em que assenta a posição da historiografia portuguesa e suas origens, rebatendo diversas teses. Analisa o avanço dos otomanos através da Europa e as conseqüências económicas advindas do seu predomínio.

Prosseguindo, considera o desenvolvimento das trocas comerciais e marítimas e o impulso resultante da nova classe (capitalista) — estudados dentro do nível económico do final do século XIV — como factores decisivos «na dissolução ou transformação do regime senhorial e na evolução económica e social que preludia a época moderna». Etribado essencialmente no orientalista René Grousset analisa a génese e a evolução das Cruzadas e os sentidos divergentes e opostos do «espírito de cruzada», numa justa tentativa de integração nas maneiras de sentir e de pensar daquela época.

Mais adiante, interpreta o Prof. Magalhães Godinho as razões que levaram João Afonso e D. João I à expedição a Ceuta e à expansão em Marrocos. Fundamenta os rumos da expansão, no Portugal de Quatrocentos, na mira de se atingir a região do ouro, da malagueta e dos escravos (Guiné) e aventa a hipótese de que a Regência de D. Pedro foi decisiva para os descobrimentos, na medida em que serviu para desviar os seus objetivos do norte de África. Investiga os vectores da descoberta do Atlântico e sua sulcagem em todas as direcções. Aponta os motivos que levaram ao povoamento das ilhas e traça um clarividente quadro dos impérios negros do ouro e sua influência no desenvolvimento das transacções comerciais.

Continuando, analisa com pormenores o regime comercial das duas fases iniciais da expansão ultramarina, o comércio de Arguim na segunda metade do século XV, o comércio com a Guiné, os resgates ao sul do Geba e na Serra Leoa, o comércio da malagueta, os resgates do ouro, o reino de Benim e a pimenta de rabo, o regime do comércio com a terra dos negros e a influência das transacções portuguesas na vida indígena.

A conclusão final do brilhante e lúcido estudo do Doutor Magalhães Godinho talvez se possa sintetizar neste passo: «os descobrimentos henriquinos são o cadinho onde se forjam um tipo especial novo — chamar-lhe-emos o cavaleiro mercador? —, uma nova constelação social — o senhorio capitalista —, uma re-estruturação dos laços político-económicos — o estado nacional mercantilista-nobilárquico».

Uma bem elaborada, conscienciosa e erudita bibliografia, minuciosos índices remissivos e 5 mapas em extra-texto são o remate final de uma das mais importantes obras da historiografia moderna portuguesa versando os descobrimentos henriquinos.

«A Economia dos Descobrimentos Henriquinos», do Prof. Dr. Vitorino Magalhães Godinho, graciosamente muito bem cuidada, é uma edição da Livraria Sá da Costa Editora, de Lisboa.

# NOTICIÁRIO

## Condição posta por Nova Delhi à libertação dos militares portugueses prisioneiros em Goa: a libertação e a reintegração nas suas actividades dos indianos internados nas províncias Ultramarinas portuguesas

O Governo indiano enviou ao embaixador do Brasil, para ser entregue ao Governo português uma nota sobre o regresso à Metrópole dos militares presos em Goa. Damão e Diu, pondo como condição indispensável a libertação dos indianos internados em Moçambique e nas outras províncias ultramarinas portuguesas, a restituição dos seus bens e autorizações para que ali continuem a poder exercer as suas actividades, tal como antes da invasão de Goa.

## Os comerciantes de Goa pretendem a manutenção da política de importações vigentes até à invasão indiana

Partiu para Nova Delhi uma delegação de cinco membros da Câmara de Comércio de Goa, a fim de discutir com as autoridades indianas de ocupação o futuro de Goa no que respeita ao comércio.

Goa foi até à invasão um porto livre, sendo um dos locais do mundo onde os artigos de luxo eram vendidos a mais baixo preço. Os co-

merciantes goeses mostram-se agora preocupados com as possíveis medidas que o Governo de Nova Delhi possa tomar relativamente ao comércio.

A delegação goesa discutirá a possibilidade de se manterem em Goa os privilégios relativos às importações e ao comércio em geral privilégios de que não beneficiam os comerciantes da União Indiana, e pedirá às autoridades de Nova Delhi que se mantenha, ao menos por todo este ano, a política portuguesa de importações.

## Estão instalados confortavelmente os indianos internados em Macau — Declara um diário Suiço

O diário «Berner Tagblatt» publicou uma reportagem de Macau, de um enviado especial que vai «a caminho de Hongkong», o qual afirma que cerca de cinquenta indianos residentes em Macau foram internados em conseqüência da agressão contra Goa, mas que esses indianos se encontram instalados confortavelmente numa casa de repouso para sacerdotes católicos e que por expressa ordem do Governo português gozam de todas as liberdades admissíveis nas presentes circunstâncias.

## O seu trabalho consistia em desarmar

### ESPOLETAS DE BOMBAS

(Continuação da 1.ª página)

inoção de bombas. Era indispensável eliminar as bombas que não tinham deflagrado. Merz e os seus ajudantes juraram mais de uma vez: «Quando esta maldita guerra acabar, nunca mais tocamos numa peça de munição! A vida preparou-lhe, porém, outro destino. Em Maio de 1945, nos primeiros dias depois da guerra, nada menos de quarenta crianças foram vitimadas ao brincarem com munição. A polícia recebia constantemente novas informações sobre esconderijos de armas. Merz e os seus colaboradores apresentaram-se como voluntários para a remoção de munição. Conduziram camiões cheios de bombas não-deflagradas e armas para fora da cidade, onde as destruíram. Trabalharam 16 horas por dia mas no 20 de Dezembro de 1945, quando Merz estava decidido a procurar, a todo o transe qualquer outro trabalho, teve de resignar, tantos eram os casos que exigiam a sua intervenção. Soube-se, por exemplo, que incautos tinham construído uma rampa de descarga provisória com granadas. No porto descobriram-se toneladas de

munições e de bombas. Uma firma utilizara granadas antiaéreas como contrapesos de um telhado de folha de Flandres. Merz não teve coragem de se retirar.

O maior inimigo do seu comando foi sempre a espoleta de acção retardada. A sua desmontagem é muito complicada, pois o sistema baseia-se tanto em processos mecânicos como químicos. Ainda para mais, muitas vezes as espoletas não estavam intactas. Merz tinha de confiar nas suas experiências e na sua intuição, pois nem sempre era possível dizer qual dos 400 tipos de espoletas estava montada numa determinada bomba. Deu-se só uma vez que uma espoleta de tempo começou a funcionar. Merz e os seus ajudantes puderam pôr-se a salvo.

Graças aos seus excelentes conhecimentos, Merz não sofreu ferimento algum. A sua capacidade auditiva está reduzida em conseqüência das detonações. É evidente que sempre muita sorte. Merz é o único especialista de desarmamento de bombas da Alemanha que trabalhou durante a guerra e ainda é vivo. Em Berlim há um monumento com os nomes

A ONU parece ignorar que Portugal está a ser vítima de uma agressão Soviética em Angola — observa «O Jornal», do Rio de Janeiro

«A essência do problema não foi tocada pela ONU — facto de que Portugal está a ser vítima de uma agressão soviética em Angola» — actua, em editorial intitulado «Portugal e a Defesa do Continente em Africa», «O Jornal do Rio de Janeiro».

«A ONU em seu injurioso pronunciamento contra Portugal — diz aquele diário — caso de Angola, desferiu um sério golpe contra si mesma».

«Estatui-se em sua Câmara que a Organização não pode imiscuir-se em assuntos de carácter interno dos seus membros. Portugal, apoiado nesse princípio, recusou sempre a admitir a intervenção da entidade nas questões relativas às suas províncias africanas, como o fez a França, quando a ONU pretendia envolver-se no caso da Guiné».

«O facto de ter avido uma unanimidade na deliberação da ONU, pedindo a Portugal que cesse a pressão em Angola, não dá maior valor ao pronunciamento nem lhe comunica nenhum carácter de legalidade. Mostra apenas grande equívoco que a instituição de tamanha responsabilidade pode cometer em detrimento dos seus próprios interesses políticos».

«A essência do problema não foi tocada pela ONU — o facto de que Portugal está a ser vítima de uma agressão soviética em Angola».

de 1.372 homens que parecem depois de 1945 na remoção de bombas. Merz não hesita em confessar que às vezes tinha medo. «Sobretudo depois de intervalos relativamente longos e depois das férias, quando não tinha tocado há muito numa espoleta, perguntei-me de uma vez a mim próprio: «o meu cérebro ainda funciona normalmente?». O perigo passou agora definitivamente. Merz abandonou a sua profissão, por amor a sua família e também porque já se retiraram quasi todas as bombas. O seu comando pode prosseguir nos trabalhos, depois de ter aprendido muito do che-

A Cidade Livre e Hanseática de Hamburgo sabe que o tempo deve a Walter Merz, agraciado pelo Burgomeister da Cidade, Dr. Nevermann, com a Medalha de Honra de Hamburgo, concedida raras vezes e à qual está ligado um pensão de honra. O nome de Merz está inscrito sempre nos anais da cidade de Hamburgo.

Auxiliai os Bombeiros V. de Amares

## PÊLOS

Destruição definitiva pelo processo mais moderno e rápido

RUA DE S. VICENTE 94 || BRAGA

# TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

## S. JOÃO DE REI

*gamela de madeira que também servia de medida).*

Pero de jeltoo por Joham de cyma de villa quatro alqueires E pero de jeltto mais doze escudellas Gomçallo lopez de Requeixo doze escudellas Tristam gil doze escudellas Luis gil doze escudellas pero gonçalves doze escudellas Gonçallo lopes polla aldea huu alqueire Joham affonso das antas pollo anno Tristam gil por gomçallo affonso pollo alvarinho quinze escudellas Affonso martinz de pousadella pollo lacayo que traz seis escudellas.

Martim vicente de llamas dez escudellas Antonio do bayrro hu alqr Alvare ânes de pousadella hu alqr Joana de Sancto estevam hu alqr Maria nova hu alqueire Johana do bairro hu alqueire.

Martin Lourenço do pinheiro dous alqueires Joana de santestevam hu alqueire Costança dalacayo affonse ânes o traz hu alqr Afonso coelho trazera affonso pires de llamas vinte duaz escudellas Joham do barreo e alvarro do barreo por elle seis escudellas Estas pagam payo vaaz e os da varzea vinte e tres escudellas Martin lourenço do pinheiro dous alqueires Estemuam gonçalves treze escudellas Gomçallo do estremadoyro e seu irmão omze escudellas Affonso lourenço da lacayo quatro escudellas.

Antonio das amtas dous alqrs Gonçallo dargaynha hu alqr pero do Ribeyro hua alqr. Gil do cabo tres escudellas Martin de tres escudellas Gonçallo piz hu alqr e meo Miguel martinz hu alqr e meyo.

Joham de Rial seis varas Affonso pires de llamas tres varas Affonso ânes dalacayo oyto varas Joham pirez da lousã da tres varas Gonçallo gil da lousã da tres varas Do do barreo tres varas Luis pires duas varas Joham pires de paradellhas duas varas Os da varzea duas varas e mea Alvaro dezoito e meo Os herdeyros da fonte tres varas Diogo do cabo tres varas Joham fernandes duas varas pedrafonso e pedreanes cimquo varas Affonso aires do Ribeyro quatro varas Joham dargaynha cimquo varas O casal do juiz que traz gomçallo lopes tres varas pero de gestoo com as que paga trista seis varas Luis de Requeixo polla Lagea tres varas E posto q. alguas cousas neste foral atras levem os nomes errados em alguas cousas que pareça que sam contra o tombo e Rol por homde se tresladaram nam faça nyssu duvyda porque polla maa letra em que vinham scptas as pagas dos ditos direitos nom se poderam melhor entender ao tresladar.

E por quanto os moradores da dita terra se agravaram nas ditas Inquirições e autos que mandamos fazer que lhe levavamos e levaram em nosso nome o direito dos montados dos gaados que de fora vnyham montar pagando elles das taaes terras anos de foros sobreditos E nos deccrando a dita duvyda mandamos que dos Reguengos nossos atras scptos e terras de que se pagam anos de foros deccrados nos ne outras pessoas em nosso nome nem levamos direito do dito montado nem se levem em nosso nome de quaaes quer gaados de que se soya de levar porque pois das taaes terras anos pagam de foros sobreditos todo o proveyto e dito que das taaes terras se poderam cõ justiça aver he dos foreiros e herdeyros dellas mentalmente na maneira em que se dellas poderam aproveitar assy dos ditos montados como de toda outra cousa. E sse na dita terra ouver Reguengos ou terras nossas despovoadas de que se nam pague anos nynhu direito nem foro nestes taaes sera o montado nosso E assy qualquer direito que se nelles poder aver E com as ditas deccrações avemos por bem e mandamos que se ao diante cumpra e faça sem ninhua duvida sem embargo de por outra maneira atee ora se custumar o que nam avemos por bem que se mais faça E o gaado do vento he tal como Guimarães.

E assy a pena do foral Dado em nossa muy noble e sempre leal cidade de lixboa a XXV dias do mes de dezembro anno do nascimento de nosso Snor ihu xpto de myl e quinhentos e quatorze E vay scpto ho original em XV folhas soscpjo e assynado pollo dito fernam de pina.

Era tão limitado o território deste minúsculo concelho que a longa e circunstancia da carta de foral mencionada todos os seus os seus lugares, casais e respectivos habitantes que ao tempo se consideravam contribuintes.

Nos foros de espécie em que se vê que estavam sobrecarregados, é notória a quantidade de castanhas, por conseguinte a deusa floresta de Soutos que então devia povoar esta região ribeirinha.

(Continua no próximo número)

Visado pela C. de Censura

## Novos Músicos

(Continuação da 1.ª página)

telefonar para Moscovo a dizer ao Urso Polar que mande acongueiros para matar a fome com carne humana que dá bom dinheiro em Leopoldovile. Maneira prática de resolver problemas. E diremos que assim são os infelizes na vida prática! «Times is Money? Não sabemos se o soba australiano tem sangue e religião Anglo-saxónica mas dá a entender que a sua alma encarnou na de Nero para lançar os cristãos às feras. Contudo o desespero desse ditador Internacional encontrou na organização quem lhe vestisse uma Camisa de forças e teve de ouvir da boca dos seus comparças.

«Qualquer acção «severa» da Assembleia Geral da O.N.U. que possa levar Salazar a cumprir a sua ameaça de retirar o seu país provocaria novas Censuras no Congresso norte-americano»

E em côro, as nações afro-asiáticas ali representadas resolveram apresentar contra Portugal uma moção «moderada». Parece que ainda está nas mãos dos americanos a Solução de todos os problemas como sócio financiador da companhia de exploração humana.

Elísio Gonçalves

## Notícias para Angola

(Continuação da 1.ª página)

lizmente que o povo brasileiro e americano irão salvar a suas Nações da triste figura que os governantes estão a fazer perante o Mundo Cristão e Católico que lhes deu e dá lições de civilização que precisam de aprender e respeitar para honrar o autor do Mundo comum: Deus.

De Pemangamengo, Angola o furriel de Carrazedo João Ferreira Pereira escreveu ao autor destas linhas dando-lhe a satisfação de boas notícias para todos os portugueses. Diz muito e outros já o disseram também. Angola é um paraíso de felicidade e progresso. O povo angolano ama a sua Pátria e há-de-a defender até à última gota de sangue. Não quer nem fala em autodeterminação. O que quer é ver longe os assassinos de Missionários e tudo que lhes sirva para matar a sede de vingança e a fome que campeia nessa terra infeliz e que a Bélgica tanto fez progredir. Lutaremos, velhos e novos diremos sempre. Angola é Portugal.

Elísio Gonçalves

Leia, Assine Publique na «Tribuna Livre»

## A INDIA PORTUGUESA

Continuação da 1.ª página

lógico para ir visitar o Rei de Cochim e solicitar-lhe pela 2.ª vez a devida autorização para construir a Fortaleza de pedra e cal.

No dia seguinte, envergando as melhores galas e acompanhado do filho, dos capitães e dos fidalgos dirigiu-se ao palácio real.

Foi recebido com toda a cortezia pelo monarca e trocados os cumprimentos protocolares, D. Francisco de Almeida pô-lo ao corrente do motivo da sua visita.

O rei de Cochim, deveras contrariado, respondeu, como da primeira vez, que não era costume construir-se casas de pedra e cal, a não ser os templos e palácios reais e, respeitando esse costume, não podia dar a solicitada autorização.

D. Francisco de Almeida, perante essa atitude, fez sentir ao monarca que a Fortaleza que construísse dentro do seu território lhe pertenceria para sempre e, por isso, não haveria o receio de ficar desonrado perante os seus subditos, como havia dito da primeira vez que falaram sobre o assunto.

E para ver se desmovia o monarca a ceder-lhe o preciso terreno disse-lhe, mais ou menos, que julgava que o Rei de Cochim não lhe negasse qualquer pedido que lhe fizesse, mas como se enganasse, ver-se-ia obrigado a deixar aquela terra e ir procurar, bem longe dali um porto onde pudesse construir uma Fortaleza dos seus homens e dos haveres do seu rei e senhor.

Exposto o seu pensamento, despediu-se com o cerimonial usual, mas visivelmente aborrecido.

Depois de chegar a casa meteu-se na cama, dizendo que estava doente.

A notícia da doença do Vice-Rei espalhou-se rapidamente por toda a cidade e o Rei de Cochim mandou o príncipe herdeiro a casa da primeira autoridade portuguesa, a fim de se inteirar da gravidade da doença.

O emissário régio foi recebido pelo Vice-Rei e este disse-lhe que a sua doença era de tristeza por não ter sido atendido que fizera ao rei, seu pai; quando era certo que os portugueses tinham feito tudo por ele, arriscando as suas próprias vidas.

O príncipe prestou a maior atenção ao relato verbal que lhe fizera a D. Francisco de Almeida e junto de seu pai foi o melhor interpreta dessa exposição feita pelo Vice-Rei.

O Rei de Cochim para não desgostar mais esse ilustre português e com receio de que ele cumprisse a ameaça de ir para outras terras, deixando-o novamente à mercê dos mouros, deu-lhe a almejada autorização para construir a Fortaleza, co-

mo era seu veemente desejo.

D. Francisco de Almeida, logo que recebeu a notícia de que o rei de Cochim lhe permitia a construção da Fortaleza, como a havia girado, acompanhado de um lugidio cortejo, dirigiu-se ao palácio real para agradecer ao monarca a instimável autorização que consumstancava o seu mais belo sonho, depois de pisar terras da Índia.

Seu filho, D. Lourenço de Almeida, a pedido do príncipe herdeiro, ia vestido da sua armadura de ferro e levava o seu pesado montante e atrás de si seguia um pagem, levando em cima de uma almofada vistosa o seu capacete de prata e de plumas.

Depois dos afectuosos agradecimentos ao Rei, D. Francisco de Almeida retirou-se à frente do seu garboso Séquito.

Dias depois iniciava-se a construção da Fortaleza de Cochim e a seguir principiaram as construções das casas residenciais.

Concluídas as obras da Fortaleza, o Vice-Rei nomeou seu Comandante o valoroso D. Alvaro do Noronha e cuja posse lhe foi dada na presença de todos os capitães e fidalgos portugueses na respectiva Torre de menagem, onde o empossado prestou juramente fidelidade a D. Francisco de Almeida, lidimo representante de El-Rei D. Manuel I, na Índia.

O Rei de Cochim foi convidado pela primeira autoridade portuguesa, bem como a sua Corte e fidalgos para visitarem a primeira Fortaleza edificada dentro dos seus domínios.

O Rei ficou sensibilizado com o convite e no dia marcado o Vice-Rei pôs à disposição da régia comitiva um barco embandeirado e engalanado que transportou os convidados à porta principal da Fortaleza.

Desembarcados, D. Alvaro de Noronha, numa artística bandeja de prata, apresentou ao soberano as chaves da Fortaleza e o Vice-Rei, dirigindo-se ao Rei de Cochim disse-lhe que nomeara D. Alvaro de Noronha Capitão da Fortaleza de Cochim, mas como a Fortaleza pertence a vossa Majestade, D. Alvaro de Noronha só poderá receber as respectivas chaves das suas, regias mãos—e que o capitão nada fará contra a vontade de saber como desse Estado.

O saberano, perante essa afirmação do Vice-Rei ficou muito sensibilizado e pegando nas chaves entregou-as directamente a D. Alvaro de Noronha, dizendo que as entrega-se em boas e leais mãos.

Quando o Rei de Cochim e a sua comitiva retomaram o barco para regressarem à terra, todas as peças de artilharia da Fortaleza salvaram em honra do régio visitante, o qual agradeceu a homenagem prestada. (Continua no próximo número)

# Tribuna Desportiva

## O SPORTING

Sofreu a primeira derrota no campeonato de futebol da primeira divisão — três equipas disputam agora o título

O Sporting registou a primeira derrota no actual campeonato de futebol da Primeira Divisão, imposta pelo Porto, que em Lisboa venceu o adversário por 1-0. A equipa portuense ficou, assim, apenas distanciada um ponto do líder da classificação, que tem agora o campeão nacional, o Benfica, somente a dois pontos da sua posição. O título, já que o Atlético, quarto classificado, tem a desvantagem de cinco pontos sobre o guia da classificação, deve, por isso, decidir-se entre aqueles três clubes.

Resultados dos encontros disputados: Olhanense-Académica, 2-2; Sporting-Porto, 0-1; Leixões-Lusitano, 3-0; Belenenses-Covilhão, 4-2; Guimarães-Cuf, 2-0; Salgueiros-Benfica, 4-5; Beira Mar-Atlético, 0-1.

A classificação do campeonato, depois da jornada (terceira da segunda volta), ficou assim constituída:

	Pontos
SPORTING	24
PORTO	23
BENFICA	22
ATLÉTICO	19
CUF	17
OLHANENSE	15
ACADÉMICA	15
BELENENSES	15
GUIMARÃES	12
LUSITANO	12
LEIXÕES	12
COVILHÃ	11

BEIRA MAR 7  
SALGUEIROS 6

**Feirense e Barreirense comandam a classificação do campeonato da segunda divisão**

O Feirense voltou a isolar-se no comando da zona Norte da classificação do campeonato de futebol da Segunda Divisão, continuando o Barreirense na chefia da zona Sul.

Os jogos realizados tiveram o seguinte resultado: zona sul: Cova da Piedade-Campo Maior, 3-0; Beja-Seixal, 1-2; Barreirense-Lusitano, 4-3; Portimonense-Farense, 1-2; Olivais-Sacavenense, 2-2; Oriental-Setúbal, 1-2; Montijo-Alhandra, 3-0.

Zona Norte: Caldas-Peniche, 0-2; Oliveirense-Vianense, 0-1; Marinhense-Torriense, 3-0; Feirense-Braga, 4-2; Cernache-Espinho, 2-0; Castelo Branco-Sanjoanense, 1-1; Vila Real-Boavista, 1-0.

Classificação actual: Zona Norte:

	Pontos
FEIRENSE	21
BRAGA	19
PENICHE	18
MARINHENSE	18
ESPINHO	17
BOAVISTA	17
SANJOANENSE	15
VIANENSE	15

TORRIENSE	14
OLIVEIRENSE	13
CAST. BRANCO	13
VILA REAL	11
CALDAS	10
CERNACHE	9

ZONA SUL:

Barreirense	28
Setúbal	26
Cova da Piedade	19
Farense	19
Seixal	18
Montijo	17
Alhandra	16
Lusitano	12
Portimonense	12
Desportivo de Beja	11
Oriental	9
Campo Maior	8
Sacavenense	8
Olivais	7

**A «Taça de Portugal» em Angra do Heroísmo**

Com eliminatórias em duas «mãos», disputou-se a primeira jornada do torneio da classificação para a «Taça de Portugal», com os seguintes resultados: Marítimo-Juventude, 5-3; Angrense-Praiese, 1-1; União-Lusitânia, 1-2; Vilanovense-Unidos, 4-1.

A segunda «mão» realizou-se no dia 11.

**Manuel de Oliveira e o Sporting, vencedores do «Cross» Internacional de Madrid**

Manuel de Oliveira e o Sporting venceram o segundo «cross» internacional de Madrid, disputado no Parque do Retiro.

Manuel de Oliveira correu os sete quilómetros do percurso em 25 minutos e 31,8 segundos, dominando inteiramente os seus adversários.

O espanhol Corcuera, de Barcelona, fez o tempo de 25.32,8, e o português Joaquim Ferreira, 25.36,4. O terceiro elemento, da equipa do Sporting, Manuel Marques, classificou-se em nono lugar.

**História de um paquete**

**que foi o orgulho de Hitler**

Campeão e vagabundo, foi a fundado, bombardeado, queimado, abalroado. Começou a vida como o orgulho de Hitler. Depois, quase adquiriu a nacionalidade norte-americana e, por fim, viveu a sua maior glória como o orgulho da França. Agora, porém, aguarda-o a ignomínia final a que estão fadados até os melhores e mais belos barcos — a sucata.

Embora sem bandeiras ao vento e já decadente devido ao desuso e ao abandono, continua ainda a ser o paquete «Liberté». Para o reduzir a sucata, aguardam-no os trabalhadores dos estaleiros de La Spezia, na Itália.

O «Liberté» — então o paquete alemão «Europa» — foi lançado em Hamburgo, em 1928. Em 1930, quando atravessou o Atlântico, de Cherburgo a Nova York, na sua primeira viagem, em quatro dias, dezassete horas e seis minutos, houve mais pretextos para festas, ao conquistar a «fita azul do Atlântico». Era de 49.746 toneladas e acomodava 2.200 passageiros.

Durante nove anos, sob o seu nome de «Europa», o paquete transportou orgulhosamente os grandes e poderosos da Terra através do Oceano, até que veio a guerra.

Em Agosto de 1939, a dias apenas da eclosão da guerra na Europa, o navio deixou Nova York e partiu apressadamente para a Alemanha, viajando à máxima velocidade, com as luzes apagadas, o nome oculto sob uma camada de tinta, alteradas as cores das chaminés e silencioso o seu profundo apito. Ia

directamente para Brema, sob ordens secretas — tão secretas que os próprios passageiros não se aperceberam de que não escalariam Southampton, como de início estava previsto. Quarenta norte-americanos e quarenta ingleses, a caminho da Inglaterra, desembarcaram na Alemanha. E quarenta alemães que aguardavam em Southampton a sua passagem para regressarem a casa, viram-se privados de transporte, sem prévio aviso.

Durante grande parte da guerra, o «Europa» permaneceu no porto, sendo transferido várias vezes, para fugir aos bombardeamentos dos aviões da RAF. Os bombardeiros ingleses, porém, conseguiram descobri-lo em Bremerhaven, em 1945, e um comunicado da RAF anunciou que o atingira pelo meio. Ao terminar a guerra, foi encontrado danificado e tombado sobre um lado, no porto. Havia-se tornado, então, em cobiçada presa de guerra.

A comissão inter-aliada de compensações pelos estragos do conflito atribuiu-o à França. Uma nova vida começou.

O «Europa» foi limpo e, depois das reparações de urgência, seguiu viagem para Cherburgo, onde foi submetido a um «tratamento de beleza» completo, por soma equivalente a mais de seiscentos mil contos. Passou a chamar-se «Liberté» e fez a sua viagem inaugural sob as cores francesas em Agosto de 1950.

## PERGAMINHOS DE CASTRO

Por D. S.

Memorial de Montebelo

Ordem de serviço de uma praça de guerra (fls. 653).

E todo o mais desta cota trata igualmente de assuntos militares, que eram os da especialidade do colecionador.

Sob cota 507, contém:

— Cartas originais sobre varios assuntos, dirigidas ao marquês de Montebelo (acerca da guerra da Catalunha) por Luís Gonzaga e outros.

— Décimas de Gregório de Matos ao marquês de Montebelo.

— Contas de capelas e irmandades, esmolos, etc. — dos officios feitos em Bragança por alma do marquês de Montebelo, com um certificado de António das Chagas. — Original.

— Cartas de D. Teresa de S.º António — do P.º António de Sousa Menezes, abade de Carracedo, com certidão das exéquias. — Originais.

Percorrido o indice, dar-se-á noticia mais circunstanciada do que se achar conveniente.

— Diploma de Irmão da Cartuxa da Conceição, perto de Saragoça, pertencente ao marquês de Montebelo — Original de pergaminho.

Demissória do Prior-mór de Avis, para o marquês de Montebelo — Original.

— Sermão na profissão de uma freira em Santa Clara de Vila do Conde — 1689.

— Sermão do S.S. Sacramento na Sé de Braga — 1694.

— Representação de Fr. Alonso de S.º Tomás, Bispo de Málaga, ao Papa, tendo-lhe sido regeitada a dignidade de Cardeal por haver suspeita de ser filho natural de Filipe IV — Com documentos autênticos, 1687.

Discurso de los servicios que ha hecho a S. Mag. de el Marques de Mortara, de su consejo.

— Campanha da Catalunha — relações diárias, etc. Originais (1650 — 1652).

— Tratado de Paz com o rei de Pão, obrigando-se este a socorrer Malaca, etc., feito por Diogo de Mendonça Furtado em 1614 — Original, com o selo do rei em tinta.

— Carta familiar de Francisco F. da Silveira para Manuel de Sousa de Menezes — Tomar, 1655 — Original.

Este Ms., como 528 pag., pertenceu à Livraria do Convento da Graça, de Lisboa.

Sob a cota 239, relativamente ao governo de Pernambuco (1690 — 1963) sendo Governador o 2.º marquês, D. António Felix Machado, uma coleção de Portarias, Ordens, Bandos, Editais, etc. e Correspondência oficial do mesmo Governador.

(CONTINUA)

### BOM NEGÓCIO

Vendem-se diversas propriedades rústicas e Urbanas situadas na freguesia de Caldela e algumas das quais muito próximo das Termas e constam de terrenos de lavradio, vinho, árvores de fruta, oliveiras e bouças de mato, prédios esses pertencentes ao Snr. Valdemar Silva de Caldela.

É encarregado dessa Venda o Snr. Simplício Antunes da freguesia de Coucieiro — Vila Verde a quem se devem dirigir os interessados com urgência